

A CAMINHO DO PLANALTO

Da Praça da Sé, Tancredo arranca para a vitória.

Tudo começou e terminou na Praça da Sé. No dia 25 de janeiro, em busca de um sonho impossível e embalada por uma necessidade contida por vinte anos, a multidão tomou conta da praça exigindo eleições diretas para a Presidência da República. Na sexta-feira passada, quando a Praça da Sé serviu de cenário para um comício destinado a festejar a vitória de uma candidatura indireta do PMDB à Presidência e o fim do regime, o público era a metade e o palanque tinha exatamente o dobro das dimensões anteriores: 270 metros quadrados de área construída, que reuniu figuras tão díspares da política brasileira quanto o secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro, Giocondo Dias, e o senador José Sarney, candidato à vice-presidência na chapa de Tancredo Neves.

Um brasileiro que tivesse comparecido à Praça da Sé no dia 25 de janeiro e, depois de passar os meses seguintes desligado da política, resolvesse voltar à praça na semana passada teria a impressão de que estava tendo alucinações. Hoje, quem pede eleições diretas para presidente da República é o deputado Paulo Maluf, não porque as queira, mas porque é o candidato virtualmente derrotado no Colégio Eleitoral que se reunirá no dia 15 de janeiro. Unidos sob a mesma bandeira, e em breve sobre o mesmo tapete vermelho, estão hoje políticos como o presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, que já não pede a imediata ida às urnas embora ainda seja anunciado nos palanques como o “senhor eleições diretas”, e o ex-governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, que na sexta-feira, mais uma vez, foi dos oradores mais aplaudidos por uma multidão que acenava com muitas bandeiras vermelhas, símbolos de partidos clandestinos em busca da legalidade. E o ex-governador baiano saudava “este mar de bandeiras de todas as cores”.

IDEIA SEPULTADA – No comício da semana passada, a proporção de classe média presente era sensivelmente menor que no comício pelas diretas, o que fez o governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, comentar: “Vejo que está faltando aqui a classe média. É o preço que a oposição está pagando por abandonar as diretas”. Na realidade, nada havia de anormal no que se via na Praça da Sé. O movimento popular conseguiu o fim do regime com a vitória de Tancredo Neves. Feito isto, na sexta-feira, foi cuidar de seu fim de semana, deixando o palanque para aqueles que disputam o poder. Mas na Praça da Sé havia de tudo, desde quem não acreditasse em Tancredo Neves como solução para o país até pessoas que, motivadas para a política pela campanha das diretas, se engajaram na campanha oposicionista (veja quadros nas páginas 38 e 39). Na própria tarde de sexta-feira, depois de almoçar no Palácio dos bandeirantes em companhia de onze governadores e lideranças políticas, o candidato do PMDB, Tancredo Neves, aproveitou uma entrevista coletiva para cumprir seu compromisso com as diretas.

“Elas serão marcadas pela a Constituinte” não será convocada imediatamente, “por isso implicaria a destituição do atual Congresso, o que não é conveniente”. Para sepultar de vez a ideia de eleição direta em 1986, Tancredo fez uma ressalva: “Existem outros meios de legitimar o poder: as pesquisas de opinião pública – e o nosso movimento vem colhendo preferências nunca inferiores a 80% - e os comícios de praça pública, que têm

sido superiores aos da campanha pela diretas”. A previsão de Tancredo não se confirmou horas depois, embora o locutor oficial, Osmar Santos, tenha chegado a anunciar a presença de 500 000 pessoas na Praça da Sé. Se comício de janeiro havia cerca de 200 000 pessoas, no da semana passada esse numero certamente ficou pela metade. O numero de pessoas presentes à Praça da Sé podia ser medido de varias maneiras. A Polícia Civil, informalmente, calculou os presentes em 70 000, mas não tornou esse número oficial. O movimento do metrô foi bem menor do que no comício das diretas, mas para isso um dos organizadores da festa, o deputado estadual PMDB Waldemar Chubaci, tinha uma explicação. “Não liberamos nem metrô nem ônibus porque se trava de uma festa partidária”, afirmou.

A vendedora ambulante Naiter Claudia de Freitas, de 18 anos, pôde calcular a seu modo a presença na Praça da Sé: “O movimento está fraco”, constatava ela. “Nos comícios das diretas, eu lucrava em 1 hora quase 40 000 cruzeiros. Hoje, o comício esta quase no fim e eu só ganhei 1 400”. Naiter Claudia vende batidas que conserva geladas dentro de um isopor e, além da frequência, ela pôde constatar, também, que a animação dos presentes não era a mesma de outras ocasiões. O PMDB paulista no em tanto, fez de tudo para que o comício fosse um grande sucesso. O empresário Fernando Casparian foi o encarregado da parte financeira e arrecadou mais de 100 milhões de cruzeiros vendendo bônus para a organização do comício. Ele justifica todo esse gasto, apesar da vitória praticamente assegurada de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral: “Tínhamos que mostrar a força do PMDB, se não a Frente Liberal leva tudo no governo Tancredo”.

A roda da historia girou rápido nos últimos meses e o objetivo básico foi alcançado antes mesmo do prazo oficial de 15 de janeiro: Tancredo Neves é virtualmente o presidente eleito. Foi o que constatou em seu rápido discurso o ex-governador Antônio Carlos Magalhães: “O nosso adversário caiu no primeiro *round*. Nós esperávamos uma luta de dez rounds e ele caiu no primeiro”. O regime começa a ter um funeral de primeira classe. Na quarta-feira passada, falando aos oficiais-generais das três Armas no Clube da Aeronáutica, em Brasília, o presidente João Figueiredo foi claro ao tratar das sucessão presidencial: “O processo de democratização que avaliamos para o país, tanto quanto um processo de transferência de poder, é um processo de transferência de responsabilidade”. “De assumi-las, a sociedade não pode furtar-se”. Em seguida Figueiredo disse que “Forças armadas de qualquer país jamais poderão ser permanentemente o elemento básico do controle social. Nenhum poder se manterá apoiado unicamente na força, e menos ainda na violência”.

BOA IMAGEM – Os conceitos de Figueiredo – que em abril classificou a campanha pelas diretas de “desordem” – foram imediatamente aplaudidos por Tancredo Neves, e o líder do governo na Câmara, deputado Nelson Marchezan, um pedessista que se recusa a encapar a candidatura de Paulo Maluf, tratou de chamar a atenção do próprio presidente para o fato de que a virtual vitória de um oposicionalista no Colégio Eleitoral esta servindo para consolidar a sua imagem de democrata. Trata-se sem duvida, de uma boa imagem, e Figueiredo ressaltou esse fato na vida que fez a Sinop, cidade mato-grossense a 500 quilômetros de Cuiabá, onde foi inaugurar mais um trecho da estrada BR-163.

Emocionado – chegou a chorar a certa altura –, o presidente fez um discurso de improvisado em meio ao qual observou que valeu a pena ter governado o pais. “Valeu a

pena, apesar da idade, apesar dos sofrimentos desses 6 anos”, disse o orador. “Eu digo aos senhores que seria capaz de repetir tudo de novo. Não porque o poder me atrai mas apenas pela alegria de mostrar aqueles que me agrediram durante 6 anos que deixo o governo mais perto do povo do que quando entrei”. A viagem do presidente a Mato Grosso foi marcada por uma presença de forte conteúdo político: a do secretário da Receita Federal, Francisco Dornelles, incluindo na comitiva como convidado especial. Dornelles é um veterano confidente de Tancredo Neves.

Gestos como esse sugerem que a transição está sendo feita da maneira mais tranqüila possível, embora ainda persistam focos de reação tentando conturbar o processo. No comício da Praça da Sé, por exemplo, um telefonema anônimo anunciou que uma bomba explodiria no palanque oficial. O tenente-coronel Piragine, comandante do policiamento, foi procurado por dois agentes da Polícia Federal, que lhe comunicaram a ameaça. Peritos em explosivos vistoriaram o palanque sem serem notados – era 17 horas e 30 minutos e o comício já começara. Nada foi encontrado e a festa do PMDB e da Frente Liberal continuou sem sobressaltos.

CONVIVÊNCIA ECUMÊNICA – O candidato do PMDB, Tancredo Neves, e o governador Franco Montoro puderam carregar em paz, sob os aplausos da multidão, uma tocha olímpica que saíra de Santos trazida por uma caravana da União dos Vereadores do Estado de São Paulo. Ao lado, sorridente, o presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, que na véspera recebera uma grande homenagem no Rio de Janeiro. Mais de 1200 pessoas reuniram-se no Copacabana Palace para homenageá-lo e José Eduardo Guinli considerou “engraçado e curioso” ver no seu hotel – um dos tempos da sociedade carioca – tantos comunistas reunidos. Lá estavam, por exemplo, o secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro, Giocondo Dias, e de boa parte da direção comunista.

Exemplo dessa convivência ecumênica que espelha o atual momento de transição, Giocondo revela que não conhecia pessoalmente Ulysses Guimarães, presidente do PMDB: “Vim para homenagear um democrata que lutou vinte anos contra o arbitro e ainda tem um papel muito importante para garantir a ampliação do espaço democrático e, principalmente, a convocação de uma Assembléia Constituinte”, comentou.

A semana foi rica em experiências para o secretário-geral do PCB. Além de ter pisado pela primeira vez nos salões do Copacabana Palace, Giocondo também participou, pela primeira vez em 37 anos, de um comício político. Ele era uma presença discreta no palanque da Praça da Sé, sexta-feira, e foi dos primeiros oradores a falar. Para culminar, Giocondo tinha também diante de si um fato inédito em sua vida: Pela primeira vez, um batalhão de policiais estava presente para protegê-lo, como uma das personalidades convidadas para o comício. Passeando pelos mesmos salões, certamente mais à vontade que Giocondo, estava o colunista social Ibrahim Sued, que garantia que “toda a sociedade carioca fechou com o Tancredo”.

A proprietária do Copacabana Palace, Mariazinha Guinle precisou de dois seguranças para furar o bloqueio até chegar perto de Ulysses para cumprimentá-lo. O presidente do PMDB, Acompanhado pelo candidato de seu partido, só conseguiu jantar depois de encerrada a festa: os 120 garçons foram menos felizes que Mariazinha Guinle e não conseguiram chegar perto da mesa principal. Em seu discurso, Ulysses defendeu a

necessidade de um governo e que se legitime com a participação de todos “para que o governo não se esgote nem se confine nos palácios”. O presidente do PMDB, no entanto, alertou para o fato de que o fim do autoritarismo desencadeará reivindicações as mais variadas, e o futuro governo terá que “conviver com as pressões, enfrentando-as, hierarquizando, atendendo as que forem justas”.

REMÉDIOS INEVITÁVEIS – Em entrevistas, o presidente do PMDB deu o tom do que será o próximo governo, admitindo que serão necessários “Remédios amargos” para a recuperação da economia e que só será possível administrá-los “se o governo tiver o apoio da sociedade”. Quanto mais perto se chega do sabor do poder, mais se alerta o paladar alheio para a amargura dos remédios inevitáveis. Ao mesmo tempo, essa postura moderada os que apóiam a candidatura Tancredo Neves começa a preocupar setor oposicionista. Para contrabalançar o que chamam de “direita de Tancredo”, deputado do PT, PDT e PMDB já organizam um grupo parlamentar que pretende interferir nos rumos do futuro governo com a mesma força na Frente Liberal.

Esta “Anti-Frente Liberal”, como a defini o senador do PDT do Rio, Saturnino Braga, pretende levar a administração Tancredo mais para a esquerda, ou, como diz com bom humor o deputado Sebastião Nery (PDT-RJ), “Ninguém pode ser Pelé sem chutar com as duas pernas”. “Tancredo não pode fazer a transição apenas com a perna direita”, transição”, diz Nery. “Nós queremos ser a perna esquerda do Tancredo”. Corre-se o risco de obrigar Tancredo a ter uma perna para a Frente, outra para a Anti-Frente, que, junto com as do PMDB e da dissidência do PDS, somam quatro. A elas quer juntar-se o PDS tardio e, com isso, o candidato ficaria com cinco pernas. Se acontecer, o mais provável é que elas gastem seu tempo chutando-se umas às outras.

O senador Saturnino Braga, marginalizado do poder no Rio de Janeiro e interessado em tirar do governador Leonel Brizola a exclusividade de um futuro partido socialista, quer patrocinar a nova sigla. O deputado Francisco Pinto (PMDB-BA) teme que a idéia de um novo partido possa vir o grupo “e transformá-lo em um grupelho”. Já o deputado Airton Soares, do PT de São Paulo, não quer saber da palavra socialismo no novo partido “para não estreitar o movimento”. Sobretudo porque, no poder ou fora dele, Tancredo jamais foi socialista. Airton Soares, que na semana passada deixou a liderança do PT na Câmara por discordar da orientação de não comparecer ao Colégio Eleitoral, foi dos mais festejados no palanque de Tancredo no comício da Praça da Sé. Depois de discursar, garantiu que deixará o PT em março próximo: “O Lula deu a entender que é bom eu me afastar. Não rompi com nenhum dos pressupostos do partido, mas prefiro sair”, garantiu o deputado.

PROFECIA AGOURENTA – Movendo-se habilmente entre movimentos tão diversos, o candidato do PMDB vai conseguindo superar as crises que surgem das várias tendências políticas que os apóiam e aumenta sua margem de vitória no Colégio Eleitoral. A tal ponto que, na semana passada, ele se viu obrigado a dar uma declaração para acalmar os adeptos da Frente Liberal: “Qualquer apoio que venhamos a receber de malufistas não mudara em nada os nossos compromissos que já assumimos”, garantiu Tancredo. Se o discurso no comício na Praça da Sé foi uma prova disso. Tancredo foi veemente quando falou da situação econômica: “Basta de desemprego e basta de arrocho salarial. Não admitiremos que a dívida externa seja paga com a fome e o sofrimento do

nosso povo”, garantiu ele, sobre os aplausos da multidão. Para delimitar claramente quem está ao seu lado, disse Tancredo acerta altura: “A distribuição de renda é um dos objetivos dos partidos que sustentaram o candidato da Aliança Democrática”.

Durante o comício, o convívio entre os diversos setores que apoio o Tancredo foi ameno. O ex-prefeito de São Paulo Olavo Setúbal mostrou-se impressionado com o esquema de organização do comício, ao deparar com a fileira de seguranças que guarneciam o palanque das autoridades: “Em matéria de organizar comícios esse pessoal é a melhor qualidade”, comentou. Resta saber se a observação do ex-prefeito de São Paulo, membro da Frente Liberal, é um elogio ou uma profecia agourenta para o PMDB, que, depois de ter organizado os comícios das diretas, quer agora participar da organização do governo mostrando que nisso também seu “pessoal” é “da melhor qualidade”.

Crédito: Revista Veja/Editora Abril

Fonte: Revista *Veja*, edição 849, 12 dez. 1984, p.36-40.